

CIRANDAS INFANTIS

(Continuação)

MARTINZ DE AGUIAR

O BOM BARQUEIRO

Bom barqueiro, bom barqueiro,
dê licença de passar,
carregada de filhinhos,
para acabar de criar.

— Passarás, passarás,
mas alguém há de ficar;
se não for o de deante,
há de ser o de detrás.

Variantes: *passarás, ó! passarás; hé de ser o de detrás.* — A segunda estância é apenas a adaptação do TRÊS! TRÊS! à “brincadeira de roda” das creanças. A princípio, o TRÊS! TRÊS! fazia parte de outro ciclo de jogos pueris. Representava uma ponte levadiça, como lhe chamou Harquevau-Pelletier, ou, antes, um alçapão, formado por braços levantados que em certo momento caíam, prendendo um dos jogadores. Tem acontecido o mesmo a outras cantigas, que são trasladadas para o grupo das cirandas: a ZABELINHA, os MARINHEIROS, o CORCUNDA, etc. Já vimos que, em O CRAVO E A ROSA, a última estrofe é:

Mangueira, me dá uma manga;
limoeiro, me dá um limão.
para tirar esta noda
que está no meu coração.

Pois a mesma estrofe vem registada como uma dessas bem conhecidas quadras sôltas nas "Mil Trovas", de Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, nos "Cantos Populares do Brasil", de Sílvio Romero, e ainda, segundo comunicação que me faz Leonardo Mota, o distinto folclorista e meu ilustre colega de Instituto, nas coletâneas de Simões Lopes Neto, Americano do Brasil e Carlos Góis. A principal diferença é que todos lêem *nódoa* e nenhum dá o verso *mangueira, me dá uma manga*. Entretanto, a quadra da nossa ciranda é evidentemente mais curial, por que, para tirar uma nódoa, se associa a agua ao suco do limão. *Manga*, aqui, não é a fruta. O vocábulo designa, *inter alia*, a *tromba de agua*, e daí a ser tomado na accepção de *jacto de agua*. É, porém, mui provável que fosse confundido pelas creanças com o nome da fruta, para o que concorreria também a palavra *limão*. Então, a fim de que se estabelecesse um paralelismo com o verso seguinte, appareceria *mangueira*. Por outro lado, porém, *mangueira* pode significar o tubo condutor de agua e, por isso, ainda assim, a frase não perdeu o sentido normal e próprio: *mangueira, isto é: tubo, dá-me uma manga, isto é: um jacto de agua.*—Ó! *passarás*. O povo não é muito amigo da interjeição *ó*. Em geral deixa de usá-la, quando não denota francamente alegria, espanto ou aborrecimento. Para chamar, substitue-a por *ô*, que não é senão o *hou* e *ou* dos antigos. — *Hé de ser*. Passagem de *a* a *e*, fato muito comum no português, como o contrário, *e* > *a*, o que deixei largamente provado no "Repasse Crítico", onde, na parte referente ao assunto (pag. 53-4), há observações por melhor verificar, erros talvez por corrigir, mas cuja doutrina cada vez mais me confirmo em que é absolutamente verdadeira.

A DANÇA DA CARRAPETA

A dança da carrapeta
é uma dança singular,
que põe o joelho em terra
e faz o amor chorar.

Menina, sacode a saia!
Menina, levanta o braço!
Menina, tem dó de mim!
Menina, me dá um abraço!

Variantes: *menina, dè-cá um abraço; menina, levanta o braço;/menina, sacode a saia; os braços; que faz o amor chorar.* — *Carrapeta.* Conforme o que leio nos “Fados, Canções e Dansas de Portugal”, de João do Rio, a *dança da carrapeta* é, na velha Lusitânia, a *dança da carrasquinha*. Talvez sirva êste fato para elucidar a forma *carrapeta*, com *r* rolado ou, para falar com mais precisão acêrca da nossa pronúncia, com *r* gutural. A forma primitiva é *carapeta*, com *r* ténue, como o atestam os léxicos. E parece que é ainda hoje a pronúncia de uso mais extenso em Portugal. E’ bem aceitável referir a forma por nós preferida à influência de *carrasquinha*, dada a equivalência dos dois termos. Se assim for, ou *carrapeta* foi levado para além-mar pelos portugueses “brasileiros” ou então a equivalência das expressões já se deu na própria península. — *Põe.* Em lugar de *faz pôr*, como *faz chorar*. Na linguagem popular, é raro êsse uso de verbo com valor factitivo. — *Menina.* Na versão lusitana vem *Matilde*. Entre nós, pode-se trocar a palavra *menina* pelo nome de qualquer das cirandantes. — *Me dá um abraço.* João do Rio considerou *sacode, levanta* e *dá* como indicativos, que têm *Matilde* por sujeito. Foi engano manifesto do illustre escritor. A própria disposição gramatical da cantiga mostra que se trata de imperativos, como os nossos. E assim sendo, temos

brasileiro à próclise pronominal no início da proposição. Com efeito, os portugueses dizem *Matilde, dá-me um abraço*, e nós *menina, me dá um abraço*. O caso é tanto mais importante quanto, na nossa modificação, para que se refizesse a cadência métrica, foi necessário contrair *dá* e *um* numa só sílaba: *dá-um*. — *Dè-cá*. Por *dê cá*. Formando as duas palavras um grupo rítmico, a primeira sofreu a influência da segunda, que lhe comunicou o timbre aberto. No meu livro acima referido (pg. 25 a 53), estudei longamente o assunto. Essa acomodação vocálica é o fato dominante da pronúncia do norte do País. Nota-se também no francês moderno. Os foneticistas lusitanos não nos dizem se alguma vez ela se manifesta na fala dos seus compatriícios. Tendo, porém, a crer que na época da colonização do Brasil, quando o *o* e o *e* átonos começavam apenas a obscurecer-se ou ainda se não tinham obscurecido inteiramente, se manifestasse a metafonia, se não em todas as palavras, pelo menos em algumas. É o que faz supor a voz *preamar*, em que o primeiro elemento representa o latim *plenus*, que postulava *preia*, como *cheia*, e nunca *préa*, como se profere, sem nenhuma discrepância, em todo o Brasil, prova bastante de que com o timbre aberto nos foi comunicada pelos colonizadores.

: : : : : : : :

A FLOREIRA

Comprem, comprem, cavaleiros,
comprem, comprem, meus senhores,
não deix' eu voltar pra casa
carregada assim de flôres.

— Meu senhor, eu vendo flôres
e ninguém quer me-comprar...
São tão baratas, tão lindas!

— Ouve cá, bela floreira,
bela floreira, ouve cá:
se eu te comprar uma rosa,
um beijinho me hás de dar?!

— Meu senhor, eu vendo flôres
e não vendo o namorar . . .
Aquele que for meu noivo
só a êsse hei de beijar!

Trararí trará!
Trararí trará!
Só a êsse hei de beijar,
beijar!

Variantes: *são tão baratas e lindas; melhores não achará, não hé de achar; trararí trará.* — *Comprem.* Na versão lusitana, recolhida por João do Rio, lê-se *comprai*. É de pouco uso o futuro do imperativo, principalmente a pessoa do plural, na linguagem popular, e pode-se dizer, sem temor a êrro, que está fadado a desaparecer completamente. — *Cavaleiro*. Forma antiga, e ainda hoje popular, tanto no sentido de homem que anda a cavalo como no de homem nobre, esforçado, gentil. A prosódia *cavalheiro*, do segundo sentido, foi influência dos fidalgos espanhóis que viviam na côrte portuguesa. *Cavaleiro* é o que vem na versão lusitana. — *Não deix' eu voltar*. Sintaxe típica da nossa dialeção. O português geral, de acôrdo com a tradição latina, pede *não me deixem voltar*, ou *não deixem que eu volte*. É esta última a construção que oferece a versão peninsular. A sintaxe do povo, entretanto, uma que outra vez aparece na literatura dos dois países irmãos. Assim, escreve o nosso Adelmar Tavares, no "Caminho Enluarado" (pg. 110):

Quem tiver forças no mundo,
Do Vento fazer parar,
E o Mar não ter movimento,
Faça eu deixar de te amar! . . .

E o Alberto Pimentel português, com o verbo *ver*, cuja sintaxe é igual à de *deixar*: “Dai-me um ponto de apoio, e *vereis eu erguer* o mundo.” (“Diccionario de Invenções”, pg. 27). A ligação de *deixem* com *eu* ou, antes, a elisão do ditongo *em* do plural dos verbos antes de um pronome que comece por vogal, é popular, comum e clássica. — *Carregada assim*. A versão lusitana dá *carregadinha*, diminutivo de intensidade, significando *muito carregada, completamente carregada*. O diminutivo de intensidade requiere um certo acento musical próprio, incompatível com a cadência desta ciranda. Atribuo a isso a modificação brasileira. O diminutivo não tinha a intonação própria, perdeu por isso o seu valor intensivo e, tornado para nós incompreensível e inútil, foi substituído. — *E ninguém quer me-comprar*. Este verso é bem brasileiro, o que mais ressalta se o pusermos ao lado do da versão lusitana: *e ninguém mas quer comprar* ou *sem ninguém mas qu’rer comprar*. Em primeiro lugar, notamos a falta do objeto direto *as*, referente a *flôres*, tal como no português arcaico. Em segundo lugar, a ligação proclítica de *me* a *comprar*. Só por imitação se escreve, e até se diz, *quer-me comprar*. E devemos proclamar que a nossa colocação natural, que é bem provável fosse clássica, é que está de acôrdo com o caráter lógico da sintaxe ordinária, pois que *me* é determinante de *comprar*, e não de *querer*. — *Floreira*. Há tendência manifesta para substituir *floreiro* por *florista*. E’ que o feminino *floreira* também se refere ao vaso para flôres e, assim, pode vir com êle a confundir-se a mulher que faz ou vende flôres. — *Trararí, trará, trará*. Agrupamentos de sílabas musicais, como vários outros que já vimos e como alguns que se encontram nos comediógrafos antigos, Gil Vicente, António Prestes, etc.

A CASINHA DE BAMBÚ

Casinha de bambú

— ê! —

coberta de bambú

— á! —

Uê, uê, uê!

Uá, uá, uá!

E um e dois e três
e quatro e cinco e seis
e sete e oito e nove...
pra doze faltam três!

Casinha, etc.

Eu fui para a escola,
aprender o bê-a-bá;
minha mestra me ensinou
na janela namorar!

Casinha, etc.

Tenho um amor, tenho dois,
tenho três, não quero mais:
de que me serv' os amores,
se não são nunca leais?!

Casinha, etc.

Mandei fazer uma roupa
das penas da sabiá,
para fazer um presente
ao meu querido papá!

Casinha, etc.

*Variantes: forrada de bambú — á!; um e dois e três;
para doze faltam três, falta três; minha mãe me botou
na escola; amanhã vou à escola; minha mestra leva o
tempo / na janela, a namorar; minha mestra, na janela,
/ leva o tempo a namorar; das penas do sabiá; ao meu*

querido papai. — Há vários modos diferentes de cantar A CASINHA DE BAMBÚ. Os mais comuns são o que acabamos de ler, o que vem a seguir, com o título de O SOLDADINHO INGLÊS, e a fusão dos dois, observada a distribuição estrófica do primeiro, mas postas, em lugar da quarta e da quinta estâncias, as duas primeiras do segundo. Esta última é a maneira mais generalizada e é aquela a que primeiramente dei preferência, por que decidira suprimir O SOLDADINHO. Depois, resolvi dar as duas com a forma por que o faço agora. — *Bambú.* As crianças dizem *bambuê*, *bambuá*, tornando quase irreconhecível a palavra *bambú*. É uma exigência do ritmo binário que domina o verso *casinha de bambu — ê!* Temos aqui dois grupos: *casinha* e *de-bambú*. O primeiro está sujeito ao ritmo binário (*ca SI nha*), que seria perturbado no segundo pela contiguidade de duas sílabas acentuadas (*bú* e *ê*). Daí, a necessidade de acomodar o ritmo e a conseqüente passagem do acento da sílaba *bú* para a sílaba *bam*, ficando o grupo mudado em *de BÂM bu Ê*, isto é, reduzido a: sílaba átona, sílaba tônica, sílaba átona, sílaba tônica. Um estudo que está por fazer, mas será importante e de resultados imprevistos, é o da sintaxe fonética (não digo — fonética sintática), das modificações sofridas pela frase em razão das condições fonéticas a que se submete. Ver-se-ia então o papel preponderante do ritmo na linguagem. — *Ê* e *á* são interjeições denotadoras de alegria. *Ê* é considerado brasileirismo, mas porque é antes um arcaísmo, ao lado de *é*, como *ô*, ao lado de *ó*. As interjeições têm sido descuradas e entretanto se prestam a um estudo interessantíssimo de semântica e de filologia comparada. Vejamos um exemplo. Em francês há a interjeição *hourra*, em inglês *hurrah*, e temos ambas, principalmente a última, usadas em português. Será por que não a possuímos? E o *ôrra!* que ouvimos a cada passo às pessoas mais iletradas e em fora de influxos estranhos, para indicar admiração, euforia, incitamento, aborrecimento — que vem a ser? O

é essencialmente nosso, não se deve a nenhuma influência moderna e deve ter vindo já de Portugal, onde é possível mesmo que houvesse, ou haja, a forma *urra*, sem ser devida ao francês ou ao inglês, por que, ao lado do *upa* dos lusitanos, tolamente referido ao inglês *up*, temos também a forma *ôpa*. Teríamos assim: *ôrra* + *urra* = *ôpa* + *upa*. Estes exemplos de *ô*, *ê* e *ôpa* mostram que a vogal tónica das interjeições é passível de flutuações de timbre. — *Uê, uá*. Sílabas neumáticas. — *E um e dois*. A repetição da conjunção *e* caracteriza o português arcaico e não é rara entre os clássicos. Uma passagem de António Prestes: “Vem o Saltador *e* finge rouba-o *e* mata-o, *e* recolhem-se para dentro, *e* diz o Diabo, etc.” (“Auto da Ave-Maria”, pg. 65). O primeiro *e* (*e um*) finge a continuação de uma aula. Deve-se ainda notar que se está em presença duma enumeração, muito do agrado do povo. — *Bê-a-bá*. Soletração. — *Serv’ os amores*. O mesmo caso de *não deix’ eu voltar*. — *Sabiá*. A palavra é comumente do género feminino. O masculino resulta da influência dos eruditos, que aprenderam na gramática a regra de que são masculinas as palavras terminadas em *á*. — *Papá*. A forma mais comum é *papai*, que aparece na variante. *Papá* só é geralmente usada entre nós para indicar carinho. Foi mantida na ciranda por fôrça da rima. — *Falta três*. Esta concordância não é rara nos escritores mais castigados e é muito popular. — *Botar* é de uso latíssimo significando *pôr, colocar*, sentido em que parece ter-se arcaizado em Portugal. — *Leva o tempo*. Passa-o. É o mesmo emprêgo de *levar (bem) a vida*.

: : : : : : :

O SOLDADINHO INGLÊS

O’ soldadinho inglês,
vestido de amarelo,
de branco e de azul
da cor daquele céu!

Se eu fosse para a Espanha,
tirava o meu chapéu
e dava os meus abraços
ao verdadeiro amor.

E um e dois e três
e quatro e cinco e seis
e sete e oito e nove . . .
pra doze faltam três!

Casinha de bambú
—— ê! ——
coberta de bambú
—— á! ——
Uê, uê, uê!
Uá, uá, uá!

Variantes: *soldadinho inglês; ó soldado inglês; qu
este amarelo, / branco e azul; se eu fosse à Espanh
daria meus abraços; a meu verdadeiro amor. — Tirav
O imperfeito do indicativo está fadado a vencer o futu
do pretérito na dialeção brasileira. — Três. Rimanc
com seis. Rima foneticamente perfeita, por que a pr
núncia que lhe damos é *treis*, como algumas pessoas p
ignorância escrevem.*

: : : : : : : : :

A VIUVINHA

Viuvinha
da mata da lenha . . .
Ela quer se-casar,
mais não acha com quem!

— Não é com você,
não é com ninguém;
é com uma pessoa
que eu quero bem.

Variantes: *a viúvinha; quer se-casar; já quer se-casar; não acha com quem; que eu mais quero bem; a que eu quero bem.* — *Mata da lenha.* Atração semântica. Como há lenha na mata, disse-se *mata da lenha.* Este fenómeno de linguística psicológica, que se distingue perfeitamente da atração homonímica, a chamada etimologia popular, é muito comum na linguagem do povo. Está-se claramente a ver que o correto é *mata dalém.* A canção é monorrímica: *além, quem, ninguém, bem.* Bastava isto para provar a justeza da correção. Mas ela é demonstrada ainda pela versão lusitana que nos dá Teófilo Braga: “Eu sou viúvinha / Da *banda d’alem*” (“Os jogos populares e infantis”, in “Era Nova”, vol. 1880-1881, pg. 360.) — *Mais.* Ainda hoje é a forma conjuntiva predileta do povo, que, entretanto, também usa *mas.* — *Que eu quero bem.* A variante *a que eu quero bem,* se não é uma correção, o que não me parece, à vista do número de sílabas poéticas, mostra que o *a* inicial do quarto verso foi absorvido pelo *a* final do terceiro. Desaparecida a preposição, foi necessário manter a escansão por meio da pronúncia bem clara do *que* (= *quê*), embora o hiato que vinha a constituir com o pronome *eu.* Inquestionavelmente, o *bem* da locução é o substantivo, o que, além do mais, se prova com a expressão arcaica *querer grão bem,* em que hoje substituímos o *grão* por *muito.* Acontece, porém, que o verbo *querer,* por si só, pode significar *amar,* como nos ensina Camões. Daí, ser possível ajuntar-lhe o advérbio *bem,* pelo que, assim como pela analogia de *bem-dizer* e *bem-fazer,* a par com *dizer bem* e *fazer bem,* se compôs *bem-querer.* Desde êsse momento estava feita a confusão entre *bem* substantivo e *bem* advérbio, e, consecutivamente, entre *a que quero bem* e *que quero bem.* Demais, a expressão *querer bem* estava exposta a considerar-se, pela unidade de idéa, um verbo conglomerado, à semelhança de *haver mister* e outros que aparecem nos mais puros escritores clássicos, até em Camões, servidos de objeto direto. E a variante *que eu*

mais quero bem, em que *mais* está antes de *quero*, diz-nos que assim de fato aconteceu. A construção com objeto direto relativo é popular em todo o País. É sempre a que nos deparam as “Trovas Luzianas”, de João Goiaz (“Revista da Academia Brasileira de Letras”), e os “Sambas e Cateretês”, de Cornélio Pires. Não se diz, porém, em vez de *quero-lhe bem*, *o quero bem* ou *quero bem êle*, exceto na linguagem das creanças que começam a falar. — *A viuvinha . . . , ela quer se-casar*. Duplicidade de sujeitos comum no português arcaico e encontrada no clássico: “Não, o mestre, *elle* virá como vier.” (Antônio Prestes: “Auto da Ave-Maria”, pg. 17). Literariamente, é com muita elegância usada hoje, pondo-se o sujeito pronominal no seu lugar próprio e o nominal no fim da proposição.

: : : : : : : :

A BARCA VIROU

A barca virou . . .
 deixou de virar . . .
 por causa da (fulana),
 que não soube navegar.

Ingrato barqueiro,
 não sejas assim:
 embarca-me na barca,
 tem pena e dó de mim.

Variantes: *o barco virou; ingrata (fulana); ó barco . . . barqueiro; não corras assim; embarque a sua barca; desembarque esta barca. desembarque: tenha pena de mim.* — *Virou . . . deixou de virar . . .* Linguagem hesitativa, como o *atirei . . . não atirei . . .* da FLOR. Aqui, porém, há um caso notável: primeiro, está a afirmativa; depois, a negativa; não se repete a afirmativa, mas a frase continua a desenvolver-se como se ela tivesse sido repetida

De feição que o determinante adverbial *por causa, etc.* está ligado a uma afirmação mental. Este pretérito perfeito, ora a negar, ora a afirmar, parece o resultado de uma simplificação vocabular ou de uma trasladação da narrativa do discurso indireto para o direto. Diz-se, no presente: *cai, não cai — vem, não vem — morre, não morre — vira, não vira, etc.* Igualmente, disse-se no passado *virou, não virou por estava para virar, não estava para virar, ou via-se que virava, via-se que não virava.* — *Embarca-me na barca.* Pode-se embarcar também num carro, num bonde, num trem, num avião. — *Pena e dó.* Sinonimia. Mas na linguagem infantil *pena* pode significar *saudade*. *Dó* é feminino para o povo. — *O' barco . . . barqueiro.* *Barco* não é, neste verso, o masculino de *barca*. É a palavra *barqueiro* reduzida ao tema. Está no mesmo caso do erudito *luze-luzir* (sem razão escrito *luziluzir*), *vira-virar, gira-girar*, e do nosso popular *dorme-dormindo, fala-falando*, de frases como *o menino está dorme-dormindo, o homem está fala-falando.* — *Desembarque esta barca.* Outra atração semântica. Há a variante *desembarque esta barca*, e a idéa de *barca* sugeriu a de *desembarcar*. Se a barca virara, o que se fazia de mister era *desembarcá-la*, e não *desembarcá-la*. A variante *embarque a sua barca* é uma deturpação da lição que adotei: *embarca-me na barca.*

: : : : : : : : :

A BARCA NOVA

Vamos, maninhas, vamos
à praia passear.

Vamos ver a barca nova
que do céu caíu no mar.

Nossa-Senhora vem ver
os anjinhos a remar:
rema, rema, remador,
que essas aguas são de flor.

A barca virou . . .
deixou de virar . . .
por causa da (fulana),
que não soube navegar.

Variantes: *meninas, vamos; vamos, meninas, vamos; vamos ver a lancha nova; Nossa-Senhora vê; Nossa-Senhora, venha ver.* — *Maninhas.* *Mano* está com a significação antiga de *amigo, colega*, comuníssima nos autos. É um encurtamento hipocarístico de *germano*, latinismo que se infiltrou poderosamente no português de outrora. Diga-se de passagem que o latim *germanus* mais depressa que o espanhol *hermano* explica o português *irmão*. Em expressões como *illu germanu*, em que o *g* ficasse intervocálico, dar-se-ia a iotização do *g*, a influência assimilatória do novo fonema no *e* e a conseguinte fusão dos dois: *illu germanu* > *lo iermãu* > *lo iirmãu* > *lo irmão* > *o irmão*. — *Remador*, singular, referindo-se ao plural *anjinhos*, como se fosse um coletivo. — *Essas aguas são de flor.* O natural era *flôres*. O singular deve ser devido à atração rímica de *remador*. — *A (fulana).* No interior do Ceará quase nunca se antepõe o artigo ao nome de pessoa. Na capital e adjacências quase nunca se deixa de antepor.

: : : : : : : :

A MENINA DA RODA

Esta menina
que está na roda
já tem idade,
idade,
de casar!

— Agora escolhe
a que tu quiseres,
para contigo,
contigo,
casar!

— Esta não me serve,
esta não me agrada.
Só a ti, só a ti
é que eu hei de amar!

Variantes: *de trabalhar; que eu hei de amar*. — *Casar* é que é a versão verdadeira e o que está em João do Rio. A variante *trabalhar* é uma correção das mães, que querem afastar do cérebro infantil das filhas a idéa de casar, infiltrando-lhe ao mesmo tempo no espírito a do trabalho. — *Que eu hei de amar*. Da expressão de reforço é que não é difícil eliminar o povo o verbo é.

: : : : : : : :

A SENHORA AMÉLIA

A senhora Amélia,
tão engraçadinha,
entrará na roda,
ficará sozinha!

— Sozinha eu não fico,
nem hei de ficar,
que uma dama dessas
há de ser meu par!

Variantes: *senhora Amélia, . . . entrarás . . . ficarás; que uma dama destas; há de me abraçar*. — *Tão engraçadinha*. Equivale a um superlativo enfático por causa do *tão* e do diminutivo intensivo. — *Nem hei de ficar*. Nas duas versões dadas por João do Rio lê-se: “na roda sosinho / não hei de ficar” ou “no meio sósinho / não hei de ficar”. Em verdade, o *nem* é insólito. Devia ser *não* ou *nunca*, mas não há variante que acuse essas palavras. No português antigo *nem* aparece com emprêgo idêntico. Será um resquício dêsse emprêgo? — *Uma dama dessas*. Numa das duas versões lusitanas se lê *madamas*. Na nossa dialeção *madama*, como *mulher-dama*, o mesmo é que *cortesã*.

A MENINA GALANTE

— Aonde vais assim,
bela menina,
menina galante?

— Vou ao bosque celeste.
— Bela menina,
menina galante !

— Que fazer no bosque celeste,
bela menina,
menina galante?

— Vou colher as violetas.
— Bela menina,
menina galante !

— Onde botar as violetas,
bela menina,
menina galante?

— Botarei nos meus bolsinhos.
— Bela menina,
menina galante !

Teus bolsinhos são pequenos,
bela menina,
menina galante !

— Deitarei no avental.
— Bela menina,
menina galante !

— Se encontrares o rei,
bela menina,
menina galante?

— Far-lhe-ei um cumprimento.
— Bela menina,
menina galante !

— Se encontrares a rainha,
bela menina,
menina galante?

— Dar-lhe-ei boa noite.
— Bela menina,
menina galante!

— Se encontrares o gato,
bela menina,
menina galante?

— Mostrarei os meus chifrinhos.
— Bela menina,
menina galante!

Variantes: *vou apanhar as violetas; onde pôr as violetas; botarei no avental; um cumprimento.* — A disposição estrófica e dialogal da cantiga demonstra ao primeiro lance de olhos que ela não pertencia primitivamente ao conjunto das cirandas. Não é propriamente cantada. É antes declamada em tom musical. Do carácter diferencial das cirandas só tem o estribilho. Falta-lhe o essencial: a música gritante. — *Aonde.* Não se conclua do emprêgo dêste advérbio que o povo observa a regra gramatical que distingue *onde* de *aonde*. Essa regra, ditada pela syntaxe lógica, é muito moderna e somente literária. — *Que fazer no bosque?* Oração de infinito absoluto, como *onde botar as violetas?* Está perfeitamente estudado pelos modernos glotólogos êste esquema sintático, que não mais admite a especiosa explicação de uma forma verbal pura oculta. — *Bolsinhos.* É um diminutivo de carinho. Por isso não faz pleonasma com *pequenos*. Mas, ainda quando o diminutivo guarda o valor próprio, não é raro ouvir juntar-lhe o adjetivo *pequeno*. Pode-se dizer mesmo que é comum ouvir *olhinhos pequenos, bolsinhos pequenos, mãozinhas pequenas, etc.* São diminutivos enfáticos. — *Comprimento*, por *cumprimento*, que aparece numa variante. era.

como os seus derivados, forma muito usada por António Feliciano de Castilho.

: : : : : : : :

A PONTA DAS AGULHAS

Pela ponta das agulhas,
todo mundo passa.
As lavadeiras
fazem assim . . .
Taralá lalá lalá!

Pela ponta das agulhas,
todo mundo passa.
As costureiras
fazem assim . . .
Taralá lalá lalá!

Ponta das agulhas. Outra evidentíssima atração semântica. A palavra *agulha* sugeriu *ponta*. Entretanto, embora nenhuma variante o diga, o primitivo e lógico foi *Ponte das Agulhas*. Era um lugar, uma ponte, por onde passava todo mundo, lavadeiras, costureiras, engenheiros, etc. *Ponta* não faz sentido. — *Lavadeira*. Não penso em contestar o estudo de linguística comparada que fez o Dr. Leite de Vasconcelos para explicar a nasal de *lavadeira*. Mas fôrça é convir que no português, geral ou dialetal, não é difícil a nasalização de um vogal que esteja em contacto com as consoantes homogênicas das nasais *m* e *n*: *esfiampar*, *trampalho*, *trabalho*, *trambolho*, *indiota*, *fiandeiro*, *lavrandeiro*, etc. *Taralá*, etc. Silabas neumáticas.

: : : : : : : :

A ZABELINHA

Zabelinha foi à missa,
num cavalo, sem espora;
o cavalo escorregou,
Zabelinha saltou fora

Zabelinha foi à missa
num cavalo choutão;
o cavalo escorregou,
Zabelinha foi ao chão.

Dança, dança, Zabelinha,
não assenta o pé no chão:
todo mundo está dizendo
que te dá um patacão.

Dança, dança, Zabelinha,
na pisada do ganzá . . .
Quem quiser cuide no milho,
que eu cuide no mucunzá.

Dança, dança, Zabelinha,
mexe aqui, mexe acolá:
todo mundo está dizendo
que uma coisa te dará.

Dança, dança, Zabelinha,
na pisada miudinha:
todo mundo está dizendo
que te dá uma coisinha.

Variantes: o cavalo deu um tope; Zabelinha pulou fora; Zabelinha caiu no chão; bole aqui, bole acolá. — Zabelinha, por Isabelinha, de Isabel, como em Portugal Delaidinha, por Adelaidinha, de Adelaide. — Sem espora. A pronúncia cromática dada ao verso num cavalo, sem espora de tal maneira liga sem espora a cavalo, que a locução parece mais determinante de cavalo do que de foi, o que contraria o bom senso. — Não assenta o pé. O pouco uso do imperativo na linguagem popular leva a empregá-lo negativamente, contra a praxe estabelecida. José de Alencar, brasilista destemeroso, propositalmente o empregou assim muitas vezes. — Patacão. Moeda grande de prata, do valor de 2\$000. Também se diz um patacão de cobre, em referência à moeda grande de cobre,

dos tempos imperiais, do valor de \$040, mais conhecida por *dobrão*. — *Na pisada do ganzá*. No passo cadenciado pelo toque do ganzá. *Ganzá* é um instrumento músico, uma espécie de maracá grande, sem cabo, movido em geral com as duas mãos. — *Cuide no milho*. Sintaxe correta, mais antiga que *cuide do milho*, que hoje é preferida. — *Mucunzá*. Cândido de Figueiredo consigna *mucunzá* e *mugunzá* como palavras diferentes, usada a primeira no sul do Brasil com a significação de *canjica*, e a segunda no norte com a significação de *milho cozido*, e, ao definir *canjica*, sinonimiza o vocábulo com *mugunzá*. Uma balbúrdia. A verdade é que ambas as formas dizem uma só coisa. *Mucunzá* predomina do Rio-Grande para o extremo norte. *Mugunzá* da Paraíba para a Baía. Nos estados do sul dizem *canjica*, que é muito diferente no norte. O *mucunzá* é feito de milho sêco apenas descascado e desolhado. A *canjica*, espécie de papa, é feita de milho verde ralado. — *Mexer*, por *mexer-se*, como *bulir*, da variante, por *bulir-se*. Os verbos pronominais tendem a desaparecer na dialeção brasileira.

.....

MILUNGUINHA

Maricota, me solta:
 tão bela,
 vai para teu lugar.
 Meia volta darci eu,
 se eu souber dar!

Outra meia,
 por que não sei . . .
 olé, olé, Milunguinha,
 apareça em seu lugar,
 olé, olé, Milunguinha,
 prá roda dançar!

Darei eu, se eu souber. Longe de ser um galicismo o uso continuado do sujeito pronominal, é, tanto no Brasil como em Portugal, um vulgarismo que vai invadindo o campo literário. — *Milunguinha*..... Beaurepaire-Rohan regista *milongas*, “plurale tantum”, como um pernambucanismo que significa *enredos, mexericos, desculpas mal cabidas*, e o filia ao quimbundo *milonga*, plural de *mulonga*, que vale *palavras*, Roque Callage e o Pe. Teschauer registam o gauchismo *milonga*, que ambos definem: “Especie de musica crioula platina cantada ao som da guitarra (violão) e que está também adaptada entre a gaúchada riograndense da fronteira”. Trata-se provavelmente de uma só palavra, da qual é diminutivo o nosso *Milunguinha*, que apresenta a passagem de *on* a *un*, fenómeno fonético comum entre o povo. — *Roda*. Personificado. As cantigas lúdicas oferecem várias vezes a denominação *roda* e uma vez *ciranda*.

: : : : : : : :

O CARNEIRINHO

Carneirinho, carneirão,
 . . . neirão, . . . neirão,
 olhais pro céu, olhais pro chão,
 . . . neirão, . . . neirão:
 pede a Deus, nosso senhor,
 . . . neirão, . . . neirão,
 para nós se ajoelhar,
 . . . neirão, . . . neirão.

Carneirinho, carneirão,
 . . . neirão, . . . neirão,
 olhais pro céu, olhais pro chão,
 . . . neirão, . . . neirão.
 pede a Deus, nosso senhor,
 . . . neirão, . . . neirão,
 para nós se levantar,
 neirão neirão

Ó tintim dô-lê,
ô tintim dô-lá!
Toca na viola,
para nós dançar!

Variantes: *olha pro céu, olha pro chão, olhai, olhar; para todos se ajoelhar, ajoelharem; para todos se alevantar, alevantarem.* — ...*neirão, ...neirão.* As duas últimas sílabas de *carneirão* vieram a servir de estribilho à composição. Mas o estribilho pode ser dado pelas sílabas finais de cada verso: *olhais pro céu, olhais pro chão, / pro chão, pro chão; pede a Deus, nosso senhor, / senhor, senhor; para todos se ajoelharem, / elhar', elharem,* etc. O essencial é que êle seja constituído por quatro sílabas métricas. — *Olhais.* Como já expliquei, *olha* é a versão primitiva, que, em virtude do acento musical (*olhá*) foi transmudado em *olhar* e *olhais*. Há uma discordância de pessoa e modo entre *olhais* e *pede*. — *Pro.* Contração da preposição *pra* (*para*) com o artigo *o*. Também se diz *prao*, como *ao*. — *Para nós se ajoelhar.* Na linguagem plebéa, é costume tirar o pronome ao verbo pronominal ou então manter *se* em todas as pessoas. Ainda apresenta êste verso a estranheza de *nós ajoelhar*. Sintaxe arcaica, ainda hoje popular também em Portugal. — *Pede para.* Nada tem de censurável esta sintaxe. Tanto se pode dizer *peço que êle venha* como *peço para que êle venha* e *peço para êle vir*. Isso é já devido ao latim. — *Ó tintim dô-lê, dô-lá.* Sílabas musicais. — *Toca na viola.* O verbo *tocar* pede, de acôrdo com os catassóis de idéa destinado a traduzir, as preposições *em, de, por* e *a*. Mas, no sentido de *tanger, fazer soar* um instrumento músico, é transitivo, não pede nenhuma preposição. O exemplo da ciranda parece-me singular e só posso explicar como influéncia de *tocar em*, construção que, com outra significação, é a mais conhecida do povo.

O CORCUNDA

Eu sou corcunda,
mas tenho dinheiro;
à falta de moça,
não morro solteiro.

Quando o corcunda
saíu de anquinhas,
as moças, da janela,
soltaram risadinhas.

Eu sou corcunda, etc.

Quando o corcunda
saíu de moleta,
as moças, da janela,
fizeram careta.

Eu sou corcunda, etc.

Quando o corcunda
saíu de colete,
as moças, da janela,
soltaram foguete.

Eu sou corcunda, etc.

E se sou corcunda,
devo a meu irmão:
tirou-me da cama,
sacudiu no chão.

Variantes: *eu sou cacunda, cacundo; sacudiu-me no chão, jogou-me.* — *Corcunda* ou *carcunda* é a forma geral. O nosso povo diz ainda *cacunda* e *cacundo*, que vêm nas variantes. É provável que *cacunda*, sem *r*, seja também corrente em Portugal, embora não o sejam

os léxicos. *Cacundo*, como substantivo, provém do adjetivo *cacunda*, em que se deu a influência da idéa masculina na forma vocabular: *homem cacunda* > *homem cacundo*. Caso semelhante se dá com *em pé*. Diz-se *o homem está em pé*. Daí, dizer o povo *em pézinho* como de *mansinho*; depois, considerando *em-pézinho* u adjetivo, começou a dizer os *homens estão em-pézinho* u *a mulher está em-pézinha*. Do costume de se porem reuniões às costas, que então se corcovam, disse-se *pôr a corcunda* e, depois, nas *corcundas* (plural influenciado por *costas*), donde *corcundas* e *cacundas* virem a significar *costas*.—*Risadinhas*. Diminutivo de *escárneo*.—*Soltar a guete* está na accepção própria. Na figurada, diz-se isto a de passar alguém pela pessoa amada e voltar-se para vê-la. --- *Sacudir* é *lançar, atirar, com força*. Entre n perden a idéa de força e é o verbo preferido. Está se o objeto, como é o *corcuna*.

(Continúa)